

NARRATIVAS PRESENTES NO JORNAL PIONEIRO (1994-2002). CAXIAS DO SUL-BRASIL: USO NO ENSINO DE HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Eliana Gasparini Xerri

egxerri@ucs.br

Universidade de Caxias do Sul, Brasil



1. Introdução

Os estudos sobre a formação de professores são recorrentes em perspectivas diversas, tais como: professores reflexivos, epistemologias de práticas, teorias pedagógicas, didáticas aplicadas, mas não são tão comuns estudos de proposição de uso didático de impressos jornalísticos que contemplem, desde a formação dos professores até a aplicação dos resultados com seus alunos. Assim, mais do que retomar estudos sobre conceitos relacionados à didática e formação de professores, o presente trabalho objetiva possibilitar reflexões sobre a aproximação de prática didática específica na formação de professores de História na Universidade de Caxias do Sul (UCS) – Brasil, considerando que a realidade, o tempo presente e a formação de professores estão inclusos no processo teórico e prático, aqui pautado pela teoria crítica, que como afirma Santos (1999):

Teoria crítica é toda teoria que não reduz a realidade ao que existe. A realidade é considerada pela teoria crítica como um campo de possibilidades. A análise crítica assenta-se no pressuposto de que a existência não esgota as possibilidades da existência e que, portanto, há alternativas suscetíveis de se superar. O desconforto, o inconformismo ou a indignação suscitam impulso para teorizar a sua superação (p. 197).

Por conseguinte, motivada por inquietações relativas à educação no tempo presente e à busca de possibilidades que a tornem mais próxima à realidade e que, portanto, instigue questionamentos e ações significantes, o uso didático do jornal é apresentado como reflexão e possibilidade na formação dos professores de História²². Pois, é recorrente a afirmativa de que os alunos têm pouco interesse pela disciplina, e, além disso, o atual governo brasileiro tem-se posicionado no sentido de não valorizar as ciências sociais, inclusive propondo a diminuição da carga horária das mesmas. Assim, ao refletir sobre o uso do jornal como recurso didático, acredita-se que este deve ser objeto de exploração na formação de professores, atribuindo-lhe significado. Uma vez que é fonte presente no cotidiano da maioria da população, o uso didático do mesmo é inquestionável.

Para refletir sobre a formação desses profissionais, é imperativo mobilizar o conceito de didática, sendo aqui apresentada como disciplina, ou seja, componente curricular, mesmo que sejam aceitas outras conformações para o termo como: ciência, proposta metodológica, prática. Enfim, estudada e analisada desde o contexto da antiguidade, a didática perpassa contextos e necessidades locais na busca de aprimorar o processo de ensino e desenvolver a consciência histórica. Nessa perspectiva afirma Cerri (2017):

O conceito de consciência histórica dá formalidade e consistência à ideia, constituída nesses diversos processos de mudança, de que o conhecimento histórico ultrapassa a academia e constitui-se desde diversas formas, conteúdos, funções e focos de enunciação. Assim, o conhecimento histórico escolar não pode ser apenas o conhecimento acadêmico resumido ou simplificado para o público infante-juvenil, mas um daqueles focos sociais nos quais a história é produzida em formas, conteúdos e funções próprios ao seu contexto (p. 19).

22 Na Universidade de Caxias do Sul não há curso em Ciências Sociais, apenas graduação licenciatura em História, Sociologia, Filosofia, Letras, Geografia como integrantes da área de Ciências da Humanidade.



Tecendo amarras entre a didática com o uso de uma fonte presente no dia a dia (jornal), com o ensino de História e a formação dos professores, se estabelece também a aproximação entre o conhecimento histórico e outros focos de enunciação, parafraseando Cerri (2017, p. 19).

Dessa forma, uma didática para o ensino de História é articulada com as transformações do tempo presente e também com os contextos onde ocorre. Assim é necessário contextualizar onde ocorre a formação dos professores que embasou esse estudo. Na UCS, a disciplina Didática é oferecida no quinto semestre, terceiro ano do curso de Licenciatura em História²³. Além das disciplinas que constituem a formação dos alunos de licenciatura de toda a instituição, também são oferecidas as disciplinas específicas do curso que visam a formação de professores: Metodologia do Ensino de História e três Estágios (um de observação escolar e dois de práticas). As disciplinas Teoria da História e Metodologia da Pesquisa Histórica, compõem o núcleo voltado à pesquisa²⁴ uma vez que se defende que todo o professor é, também pesquisador.

Esse estudo apresenta, brevemente, o Ensino de História no Brasil e na UCS, utilizando como referencial os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)²⁵ de História, pois é contemporâneo ao período em estudo na fonte utilizada. Na sequência, são abordados temas relativos à imprensa nacional e ao Jornal Pioneiro, a aproximação com o Ensino de História e didáticas desenvolvidas na formação de professores.

O trabalho é resultado da pesquisa “Narrativas presentes no Jornal Pioneiro (1994-2018): análise e uso no Ensino de História”, em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em História (PPGH) – UCS, que possui como área de concentração o Ensino de História: fontes e linguagens. A pesquisa conta com a colaboração de seis alunos do curso da graduação Licenciatura em História²⁶, possibilitando diálogos entre a formação de professores e a pesquisa, a graduação e o mestrado.

O diálogo tem-se estabelecido com a participação de alunos pesquisadores da graduação (licenciatura em História) que selecionam temas segundo os seus interesses dentro das categorias a investigar: política, educação, cultura e movimentos sociais. Uma reunião coletiva ocorre mensalmente com todo o grupo, onde se discute, em forma de seminário, aportes bibliográficos indicados e são socializados os resultados da pesquisa. Anualmente os pesquisadores participam de

23 A duração do curso é de oito semestres, quatro anos, totalizando 3400 horas, com três estágios: estágio I de observação de escolas e de práticas no ensino fundamental, séries finais e no ensino médio, estágio II – vinte horas de prática em sala de aula para uma série do ensino fundamental- séries finais; estágio III – vinte horas de prática numa série do ensino médio. Entre os critérios a serem avaliados estão as propostas e as ações didáticas desenvolvidas pelos futuros professores.

24 Embora o curso seja voltado para a formação de professores, também proporciona pesquisa, como forma de inserção nessa prática, e, porque não há na instituição bacharelado em História.

25 Documento norteador para a educação brasileira desde 1997, mesmo com a recente aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 2017-2018.

26 Os alunos da graduação Licenciatura em História estão em formação para tornarem-se professores, todos já fizeram ao menos duas práticas (estágios) exigidos pelo curso, assim, defende-se que a investigação, como professores em formação, auxilia na aproximação do investigador-professor, pois, as didáticas são pautadas, também, pelas perspectivas de investigação.

eventos de pesquisa na UCS e em outras instituições, a participação ocorre através de comunicações orais e pôster²⁷. O diálogo ocorre também pela inserção dos alunos no PPGH.

2. Incursão ao ensino de história no Brasil e na UCS

Refletir sobre o Ensino de História²⁸, e, portanto a formação de professores que atuam na disciplina, permite associá-lo à criação da disciplina História através do Decreto das Escolas das Primeiras Letras, em 1827, que conforme os PCNs (1997)

O texto do decreto revelava que a escola elementar destinava-se a fornecer conhecimentos políticos rudimentares e uma formação moral cristã à população. A História a ser ensinada compreendia História Civil articulada à História Sagrada; enquanto esta utilizava-se do conhecimento histórico como catequese, um instrumento de aprender a moral cristã, aquela o utilizava para pretextos cívicos (p. 14).

Em 1855 o ensino da disciplina História passou a ser obrigatório nas escolas, salientando que a educação formal era restrita a grupos privilegiados da sociedade, excluindo em sua maioria escravos, pardos, pobres.

Com a República (1889) a História Nacional conquistou maior relevância, mas era o Estado o condutor da mesma. De forma breve, o PCN (1997) considera que a

História Nacional identificava-se com a História Pátria, cuja missão, juntamente com a História da Civilização, era de integrar o povo brasileiro à moderna civilização ocidental. A História Pátria era entendida como o alicerce da “pedagogia do cidadão”, seus conteúdos deveriam enfatizar as tradições de um passado homogêneo, com feitos gloriosos de célebres personagens históricos nas lutas pela defesa do território e da unidade nacional (p. 16).

Dessa forma, sob o jugo do positivismo, os coletivos sociais estavam afastados do ensino de História e assim permaneceu o afastamento ao longo da república brasileira²⁹, a qual é marcada pela alternância entre governos ditatoriais (1937-1945 / 1964-1985) e democráticos (1945-1964 / 1985...) os quais revelam ora exclusão, ora inclusão da sociedade e dos movimentos culturais, sociais, económicos e políticos na educação brasileira. No entanto, mesmo nos momentos de maior liberdade, a didática mais praticada no ensino de História, tanto nas escolas como nos cursos de graduação, manteve práticas de memorização e de pouca significância.

27 A pesquisa se insere na abordagem da análise historiográfica, pautada na História Cultural, o que possibilita análises e reflexões interdisciplinares que permitem vincular diversas fontes para compor cenários, de modo a analisar e produzir no Ensino de História.

28 Há extensa bibliografia sobre o Ensino de História e sua relação direta ou não com a disciplina História, por exemplo os trabalhos de Oldimar Cardoso, Kazumi Munakata e outros. No entanto, para esse estudo optou-se pelo contexto em abordagem e o documento norteador da área – PCN de História.

29 Estudos desenvolvidos por (Ribeiro, 1986; Saviani, 1997, 1999, 2001; Xavier, 2002; Romanelli, 2002; Alves, 2003) e outros, têm analisado importantes momentos no pensamento pedagógico brasileiro, sendo três os mais influentes: escolanovismo, tecnicismo e pedagogias críticas.



Somente com os debates surgidos no período de redemocratização, a partir dos anos 1980, tanto as categorias documentais quanto as abordagens de pesquisas e as didáticas, passaram gradativamente a incluir temas como: música, poesia, gênero, imprensa, religiões a partir de abordagens sociais e críticas. Tais debates incluíram temas transversais obrigatórios – cidadania, democracia, meio ambiente, educação sexual, conectados com as transformações ocorridas no final do século XX.

Para melhor compreensão do contexto em estudo é mister lembrar que a universidade, mais antiga e permanente, no Brasil foi instalada em 1920, portanto, também a formação de professores é recente. Nesse contexto, a Universidade de Caxias do Sul, a única e a primeira da região serrana do Rio Grande do Sul, foi fundada em 11 de fevereiro de 1967³⁰. A existência de cursos superiores isolados foi determinante para sua fundação: Escola de Belas Artes (1949), Escola de Enfermagem (1957), Faculdade de Ciências Económicas (1959), Faculdade de Filosofia (1960); Faculdade de Direito (1960). Conforme Xerri (2018), a Faculdade de Filosofia

pretendia de início instalar os seguintes cursos: Filosofia, Letras Neolatinas, Geografia e História, Pedagogia e Didática. A opção pelos mesmos justifica-se pela constatação de que era imprescindível qualificar professores e proporcionar cultura geral, bem como a inserção no contexto previsto pela legislação educacional da época, a qual determinava a necessidade de Faculdade de Filosofia e cursos para a formação de professores (p. 8).

No contexto de fundação da UCS, a formação de professores acompanha o processo de industrialização e urbanização cada vez maior no país. Criado junto à Faculdade de Filosofia, o curso de Licenciatura Plena em História da UCS³¹, conta atualmente com cerca de 200 alunos que estudam no período noturno, na sua grande maioria são operários, jovens adultos, que buscam como formação “estudar a trajetória das sociedades desde as suas origens até o presente, analisando as suas relações espaço-temporais, sociopolíticas, económicas e culturais; processo ensino-aprendizagem”, conforme descreve o portal do curso.³²

Contribuindo com a formação continuada de professores e profissionais ligados à educação, desde 2012 a instituição oferece o PPGH cujo objetivo, segundo UCS (2012)

é a preparação de recursos humanos de alto nível, através de atividades integradas de ensino, pesquisa e extensão, para atuar em áreas ligadas ao patrimônio histórico, serviços de pesquisa e documentação, organização de informações históricas, consultorias e pareceres históricos. O programa volta-se também para as áreas da

30 Os anos de 1950 e 1960 marcaram a expansão do ensino superior brasileiro, sobretudo das instituições privadas, como a UCS, localizada na cidade de Caxias do Sul, com Campis em cidades da região. Foi a primeira universidade da Serra Gaúcha, e, desde a sua fundação em 1967, representou para milhares de estudantes a possibilidade de graduação. A sua área de atuação engloba 69 municípios, ou seja, mais de um milhão de habitantes. Está situada em uma região economicamente próspera, considerada importante polo industrial do Estado do Rio Grande do Sul, que encontra na Universidade amparo às mais diversas áreas e necessidades.

31 Na Universidade de Caxias do Sul, o curso de História possui disciplinas específicas a todas as licenciaturas, relacionadas à formação de professores: História da Educação, Filosofia da Educação, Psicologia da Educação, Docência: teoria e prática, Políticas e Gestão em Educação, Pesquisa em Educação, Sociologia em Educação, Educação e Cultura Digital, Educação inclusiva, Língua Brasileira de Sinais, Antropologia em Educação e Didática.

32 Mais sobre o curso de História-UCS, em <https://ucsvirtual.ucs.br/>.

educação patrimonial e da capacitação docente para o ensino de história, com especial atenção à produção de material didático, sobre o uso das novas linguagens e sobre a cultura digital e utilização de fontes diversas para a pesquisa no ensino de história.

Dialogando com o propósito deste artigo, fica saliente que o estudo aqui apresentado faz relação entre a formação de professores (Graduação e Mestrado) com reflexões sobre didáticas possibilitadas pelo PCN-História.

3. Diálogos possíveis entre imprensa, jornal pioneiro e didática no ensino de História

O contexto brasileiro do surgimento da imprensa e da criação de mais escolas é o mesmo, sendo necessário ressaltar que ambas eram destinadas a públicos favorecidos economicamente, uma vez que a grande maioria da população era analfabeta (segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil em 1900, possuía aproximadamente 65% de sua população analfabeta. Para Carvalho (2002),

Ao proclamar sua independência de Portugal em 1822, o Brasil herdou uma tradição cívica pouco encorajadora. Em três séculos de colonização (1500-1822), os portugueses tinham construído um enorme país dotado de unidade territorial, linguística, cultural e religiosa. Mas tinham também deixado uma população analfabeta, uma sociedade escravocrata, uma economia monocultora e latifundiária, um Estado absolutista. À época da independência, não havia cidadãos brasileiros, nem pátria brasileira (pp. 17-18).

A educação e a imprensa brasileiras remetem ao século XIX,³³ com o estabelecimento da corte lusa no Brasil (1808) e a posterior constituição do Estado (1822); portanto, refletir sobre ambas é perceber similitudes com o contexto em que foram criadas. Assim, esclarecem Martins e De Luca (2013)

a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se auto-explicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel. Nesse cenário, muitas vezes os personagens são exatamente os mesmos, bastante próximos, pois intervenções políticas de peso são decididas no interior das redações, estabelecendo e testemunhando avanços e recuos das práticas de governos, da dinâmica do país, da formação de seu povo, do destino nacional (p. 8).

Os dados apresentados dão conta da tardia inclusão da educação e imprensa no Brasil, demonstrando que de fato, a ausência de bibliotecas, informações, notícias, instituições de ensino, e, enfim, da circulação de ideias, era de interesse da antiga metrópole e elite local. Pode-se afirmar que esse tardio ingresso no mundo das letras e dos letrados ocasionou sintomas que perduram atualmente.

33 Durante o período denominado colonial (1500-1822), havia poucas escolas, sendo a educação voltada, principalmente à elite local.



Em conformidade com a temática da Didática das Ciências Sociais e a formação de professores, faz-se necessário considerar que apenas em 1996 a Lei de Diretrizes e Base (LDB) da Educação Brasileira estabeleceu reflexões sobre a educação e o sistema de ensino nacional, possibilitando metodologias, didáticas, ferramentas que apontassem para análises sócio-críticas da sociedade na busca de minorar problemas históricos. Frente às plurais necessidades nacionais e atendendo a prerrogativas da Constituição Federal (1988), ocorreram notáveis modificações na educação nacional, as quais suscitaram debates em todo o território nacional e acabaram resultando nos PCNs, entendido como parâmetros³⁴ alternativos e com sugestões didáticas para os professores, na perspectiva de promover um ensino-aprendizagem mais construtivo e crítico. Importante salientar que muitas das ideias que formaram o documento, estiveram pautadas pela influência dos estudos de Paulo Freire, contemplando uma perspectiva de respeito e autonomia, tanto para professores, como para os alunos. Ao considerar a formação de professores e a didática do uso de jornal, remeto às palavras de Paulo Freire (1993)

Uma das coisas que a professora deveria fazer, por exemplo, para compreender a cultura multiculturalmente é comentar com os alunos as diferenças e dizer que, quando você discute tal coisa do conteúdo do programa, essa coisa não é universal, ela tem suas dimensões regionais, até de família, e entra aí o problema de classe. A cultura de classe existe. A linguagem de classe existe. Há uma sintaxe que é da classe trabalhadora e outra que não é. É preciso saber como você reinventa a linguagem, compreendendo a diversidade dessas sintaxes, como consegue recriar a linguagem de forma correta. E como professor você pode testemunhar diariamente a sua postura e aí compreender muito bem a relação dialética entre tática e estratégia. Quer dizer, você tem o sonho estratégico, que é o da multiculturalidade, mas tem que ter táticas para falar dele, porque você pode cair nos exageros do discurso – que são idealistas, voluntaristas – e você pode perder o emprego. E a questão sua não é perder o seu emprego; é manter o emprego e ajudar o seu sonho. Acho que não há fórmulas para isso. Você tem que recriar todo dia as suas táticas para superar o exclusivismo de uma compreensão cultural estreita (p. 5).

A linguagem das narrativas do jornal, demonstra as diferenças culturais e os interesses políticos existentes, portanto, o multiculturalismo social, acaba por estar presente com as suas intencionalidades através dos endereçamentos e recepção do texto. Assim, a associação da fonte como recurso didático na formação dos professores, possibilita aos mesmos aplicações semelhantes junto aos seus alunos. Com autonomia e critérios na forma de uso, adequados às séries e faixas etárias dos alunos.

O período histórico aqui apresentado, e, escolhido, enfrenta controvérsias sobre sua denominação, sendo chamado por estudiosos de: tempo presente, história recente, história contemporânea e até história imediata. Se utilizará da terminologia tempo presente, respaldada pelos apontamentos feitos por Padrós (2004)

Em síntese, a originalidade da abordagem do presente está situada no fato de poder captar a atualidade, a novidade, a irrupção e a emergência de tendências, assim como as possibilidades de estabelecer as conexões –

34 Grifo da autora.

as “pontes” – que a interligam com o passado (evidenciando a vigência da perspectiva processual da história). Por outro lado, não há diferença concreta alguma quanto às operações básicas que realiza o historiador que trabalha com períodos mais distantes. Nesse sentido, o tempo presente exige, mediante pressupostos teóricos, o dimensionamento, a hierarquização e a contextualização dos eventos, assim como sua inserção no processo histórico e sua relação com ele (p. 204).

Partindo dessa percepção sobre o tempo presente, a sua importância e a configuração da disciplina homônima, faz-se necessário caracterizar o ensino História, tendo em mente que os PCNs orientam uma educação visando a dimensão coletiva, e não apenas o indivíduo, numa clara posição de possibilitar diálogos críticos sobre o contexto social e histórico, significando dessa forma, um parâmetro pautado na criticidade.

A preocupação com os processos de ensino e aprendizagem, nas e para as diversas realidades brasileiras, são objetos de cuidados específicos no documento, mas a meta principal é a educação de qualidade, com a autonomia como elemento central nesse processo; para alcançá-la, são propostas metodologias que passam pelo uso de diferentes materiais. Enfim, no ensino de História, através do ensino superior, deveria estar considerado o coletivo em posição primordial, rompendo com a perspectiva conservadora do indivíduo, é nesse sentido, que o jornal ocupa espaço nesse estudo, pois envolve vários coletivos desde sua formatação até as perspectivas de endereçamento³⁵, e coletivos de recetores.

Dessa forma, o jornal ganha significado por estar presente no cotidiano de vários coletivos, uma vez que é, para Ferreira e Franco (2013, p. 72), “outra linha de renovação no campo do século XX operou pela via da história das representações, do imaginário social e dos usos políticos do passado pelo presente através do debate sobre as relações entre história e memória.”

Tendo presentes essas relações entre imprensa e História, apresenta-se o *Jornal Pioneiro* relevante, pois abrange 18 municípios na região da serra gaúcha, afetando uma população aproximada de 671.268 habitantes. O jornal foi fundado em 4 de novembro de 1948, na cidade de Caxias do Sul, e obedecia a duas ordens de influência: “uma, voltada à valorização das raízes socioculturais da cidade, e outra, político-partidária, ligada à Ação Integralista Brasileira³⁶” (Giron e Pozenato, 2004, p. 155). Inicialmente, era semanal, se tornando diário em 21 de fevereiro de 1981, ocasião na qual ficou estabelecido que deixaria de ser partidário, passando a ser comunitário. Conforme as mesmas autoras

O Pioneiro continua em circulação, tendo mudado de nome – de O Pioneiro para Pioneiro – no início da década de 80. De propriedade da Empresa Jornalística Pioneiro, cujo principal acionista e Diretor-Presidente era Bernardino Conte, foi vendido em 1993 à Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS), quando passou a ser apresentado como

35 Termo utilizado por Elizabeth Ellsworth para abordar possíveis significados do modo de endereçamento: 1) algo inerente ao texto do filme e que age sobre o espectador; 2) um evento resultante da interação entre o texto do filme e o espectador; 3) um conceito que pode ser aplicado também a outras áreas (educação, estudos culturais, psicanálise). Na perspectiva desse estudo, a associação feita é com as narrativas do Jornal Pioneiro.

36 A Ação Integralista Brasileira era adepta de ideias fascistas. Sobre as raízes socioculturais é necessário mencionar que a região foi palco da imigração italiana, na segunda metade do século XIX.



Diário de Integração regional. Com tal incorporação, tornou-se um grande periódico, com circulação garantida em toda a região.

O Jornal Pioneiro possuía e possui grande circulação e influência, podendo, portanto, ser visto como potencializador de representações da sociedade, os seus debates e diferentes escritas. Por conseguinte, a aproximação dialógica entre jornal e Ensino de História remete a discussões necessárias que objetivam assegurar possibilidades do seu uso para além de propostas empíricas, o que também é discutido pela escrita da História, assim auxilia Chartier (2016)

Como em Ginzburg (e, talvez, mais do que ele mesmo pense, já que ele colocaria de Certeau no campo dos cétricos), acham-se associados, e não opostos, conhecimento e relato, prova e retórica, saber crítico e narração (p. 16).

Logo, jornal e História estão entrecruzados, tanto que manuais didáticos colocam extratos de textos jornalísticos como forma de auxiliar no aprendizado. No entanto, é necessário considerar as palavras do mesmo autor (2016) ao tratar a História e outras obras relacionadas ao passado

Atualmente, sem dúvida mais do que em 1998, os historiadores sabem que o conhecimento que produzem não é mais que uma modalidade da relação que as sociedades mantêm com o passado. As obras de ficção, ao menos algumas delas, e a memória, seja ela coletiva ou individual, também conferem uma presença ao passado, às vezes ou amiúde mais ponderosa do que a que estabelecem os livros de história (p. 21).

O autor remete aqui a outras possibilidades de trabalhar as relações do passado e o lugar da História e do ensino de História, assim como se pode aproximar e significar o texto jornalístico, que possui maior penetração e influência social do que a própria História e seu ensino no Brasil, uma vez que é recorrente a fala de que a História não tem importância na educação.

Assim, pensar a formação de professores estabelece a necessidade de refletir sobre os objetivos e os resultados a serem alcançados junto aos mesmos e aos estudantes da educação fundamental e média³⁷, ou seja, quando o aluno de licenciatura tem acesso a didáticas diferenciadas, a possibilidade de significar e aproximar o ensino de História passa a ter maior importância, uma vez que isso constitui o processo de sua formação como professor.

O Ensino de História na educação básica brasileira tem sofrido mudanças que acompanham a legislação educacional, todavia, permanece a necessidade de buscar formas didáticas para o mesmo. Dessa maneira, faz-se necessário refletir sobre aspectos importantes a respeito da própria História; para Certeau (2015)

Existe uma historicidade da história. Ela implica o movimento que liga uma prática, e, uma prática social. A

37 Educação Fundamental corresponde aos 9 primeiros anos de escolaridade iniciada aos seis anos de idade, já ao Ensino Médio corresponde aos três anos finais antes do ingresso no ensino superior, denomina-se de Educação Básica a união dos dois níveis.

história oscila, então, entre dois polos. Por um lado, remete a uma prática, logo, a uma realidade; por outro, é um discurso fechado, o texto que organiza e encerra um modo de inteligibilidade. Sem dúvida, a história é o nosso mito. Ela combina o “pensável” e a origem, de acordo com o modo através do qual uma sociedade se compreende (p. 6).

Debates sobre a História, a sua cientificidade e historicidade promovem anseios de torná-la mais simples, aproximada aos coletivos sociais, sem que perca suas características científicas. O jornal pode colaborar para isso. Para ultrapassar o uso do jornal das meras dinâmicas de recorte e colagem, simples leitura ou como complementação a um trabalho estudantil, é importante estabelecer critérios de escolha, de suas seções e relações com o Ensino de História. Sobre a escolha do jornal, salienta Capelato e Prado (1980)

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere (p. 19).

Atendendo ao propósito desse estudo, o jornal, que é um objeto que habita o cotidiano de diversas formas, pode auxiliar no processo do Ensino da História ao ser assim revelado, uma vez que nele encontramos dados sobre ele mesmo, sobre o contexto histórico, político, econômico, social e cultural. Sua associação com a História é defendida por Capelato (1988, p. 20) ao considerar que “o jornal é uma das principais fontes de informação histórica, merecedor, portanto, de consideração dos historiadores”. Ao trabalhar com jornais, o pesquisador/professor deve utilizar critérios e métodos que signifiquem o seu uso, assim constitui etapa importante elaborar “algumas indagações: quem são os seus proprietários? a quem se dirige? com que objetivos e quais os recursos utilizados na batalha pela conquista dos corações e mentes?” (p. 13), pois as respostas auxiliam e esclarecem aspectos do jornal.

Por conseguinte, é necessário considerar que essa fonte possui um endereçamento que deve ser observado, uma vez que emite e propaga opiniões -expressões do pensar de quem escreve, envolvendo a reflexão de quem lê. Logo, é importante saber quem o redige, sua formação, se é um colaborador ou se pertence ao quadro de funcionários; esses e outros dados permitem reconhecer e estabelecer possibilidades sobre a própria escrita. A materialidade do jornal também deve ser observada: tipo de papel utilizado, número de páginas, tamanho do jornal, distribuição das seções, quem as escreve, tamanho destinado, como o editorial é apresentado. Critérios como os mencionados servem para atentar aos processos de constituição do mesmo.

Trabalhar com o jornal em sala de aula suscita a necessidade considerar o uso de outras fontes, como o próprio livro didático, imagens, e outros materiais, que possibilitam compreender histórica e socialmente o impresso. Como afirma Capelato (1988, p. 24), “Um documento –o jornal, no caso – não pode ser estudado isoladamente, mas em relação com outras fontes que ampliem



sua compreensão. Além disso é preciso considerar suas significações explícitas e implícitas (não manifestas). Cabe, pois, trabalhar dentro e fora dele.”

Para implementar tais práticas, é possível utilizar como instrumento o método de análise do discurso, pois, segundo Gill (2007, p. 251), “os analistas dos discursos não veem os textos como veículos para descobrir uma realidade pensada como jazendo além, ou debaixo da linguagem. Ao invés disso, eles estão interessados no texto em si mesmo, e por isso fazem perguntas diferentes”. Assim, as perguntas não são suscitadas apenas pelo texto, possibilitando reflexões diversas.

Quando houver necessidade de solucionar dúvidas, a análise de conteúdo possibilita esclarecer o escrito, o conteúdo jornalístico, pois, conforme Bardin (2009, p. 46) “visa o conhecimento de variáveis de ordem psicológica, sociológica, histórica, etc., por meio de um mecanismo de dedução com base em indicadores reconstruídos a partir de uma amostra de mensagens particulares.” .

É importante considerar que a escolha da categoria a ser estudada precede a utilização dos métodos, sendo ela determinada pelo professor, ou de forma coletiva (pelos alunos e professor). A didática, ao estabelecer a razão de se utilizar o jornal, facilita a opção pela categoria ou categorias, uma vez que podem ser trabalhadas mais de uma, por exemplo: editorial, economia, cultura, educação, política, violência, gênero. Estabelecidos os processos acima citados, a didática regrará as próximas etapas, que podem objetivar oralidade, escrita, publicização dos resultados.

Entre as diversas reflexões acerca da História do ensino de História no Brasil, Munakata (2013) considera que, nos anos 1990, tiveram preponderância os trabalhos acadêmicos relacionados ao livro didático. Por conseguinte, outros impressos que guardam e traduzem aspectos de memórias podem e devem ser utilizados. A utilização de recursos como o jornal no ensino, reconduzem a dilemas presentes no campo da História e das didáticas que o amparam. Para Munakata (2013)

Talvez seja importante que a formação do profissional de História tenha como uma de suas preocupações a história do campo do saber e da profissão a que estará vinculado. O conhecimento da história da constituição desse campo permite avaliar o modo como ele se estruturou e quais os limites de alterações dessa estrutura (p. 265).

Ao emergirem indagações sobre o ensino de História, o professor deverá se manter atento aos resultados de suas práticas, possibilitando a inovação seguindo uma forma metodologicamente pautada na produção de discussões sobre a História, a didática e a utilização de novas fontes, de modo a significar o ensino.

4. Considerações finais

A História e o seu ensino, e, portanto, as didáticas envolvidas, não podem estar desvinculados do contexto temporal, social, histórico, cultural, político e econômico nos quais acontecem; por isso, o Jornal Pioneiro apresenta, nesse estudo, condições que favorecem seu uso didático. Sendo

o jornal de maior circulação na região desde 1948, a sua existência possibilita associações entre a sua história e a História ensinada na medida em que seus escritos expressam informações sobre ambas e sobre os contextos já mencionados.

O marco temporal para esse estudo foi determinado pelo debate contemporâneo sobre o conceito da História do tempo presente, que, de acordo com a terminologia da esfera acadêmica, possibilita a aproximação do contexto a ser estudado com o cotidiano dos estudantes. Refletir sobre o marco temporal significa possibilitar reflexões sobre as didáticas utilizadas na formação de professores, aqui os de História.

A escolha pela reflexão sobre o uso do jornal em sala de aula se vincula a defesa de olhares diversos sobre as fontes de pesquisa, sendo que os impressos se fazem presentes no cotidiano de várias maneiras e com diversos fins; logo, se constitui em fonte com potencial de utilização no ensino de História, atendendo a pressupostos presentes no PCN de História.

Relacionar a didática aqui apresentada com a formação de professores no curso de História de UCS, demonstrou que articular o uso de fontes com as necessidades de aproximação da História, significa ter presente que tais didáticas constituem formas de possibilitar reflexões capazes de encaminhar para a autonomia em busca da consciência histórica. Ao mesmo tempo, permitir que as reflexões, ao serem oriundas de narrativas jornalísticas, não prescindem de objetivos claros, estratégias adequadas, avaliação dos resultados, os quais devem utilizar outras fontes para confirmação ou refutação dos mesmos.

Pode-se concluir que existem infinitas possibilidades didáticas para o uso das linguagens, em especial nesse estudo da imprensa. Quanto maiores forem as experimentações e as suas publicizações, maiores e mais importantes serão os resultados obtidos na busca constante de um ensino qualificado e significativo ao processo de formação de professores, e, ao estudante. Esta ideia surge ainda reforçada se considerarmos que a realidade é possibilitadora de reflexões associadas aos contextos que podem e devem ser questionados visando ações motivadoras de posicionamento crítico.

Referências bibliográficas

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental (1997). Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia / Secretaria de Educação Fundamental (pp. 1-109). – Brasília: MEC/SEF. Recuperado 13 de dezembro de 2018, de http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf.

Brasil. IBGE (2018). Taxa Analfabetismo Brasil (p. 1). Brasília. Recuperado 13 de dezembro de 2018, de <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-das-pessoas-de-15-anos-ou-mais.html>.

Carvalho, J. (2002). *Cidadania no Brasil. O longo Caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Capelato, M. (1988). *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP.



- Capelato, M. & Prado, M. (1980). *O bravo matutino. Imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Omega.
- Cerri, L. (2017). Um lugar na história para a Didática da História. *Revista História & Ensino*, 23, 11-30.
- Certeau, M. (2015). *A escrita da história*. Rio de Janeiro: GEN e Forense Universitária.
- Chartier, R. (2016). *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- De Luca, T. (2010). História dos, nos e por meio dos periódicos. Em C. Pinsky (Org.), *Fontes Históricas* (pp. 11-154). São Paulo: Contexto.
- Ellsworth, E. (2001). Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. Em T. T. da Silva (Org.), *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito* (pp. 9-76). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Fernandes, A. (2008). O impresso e a circulação de saberes pedagógicos: apontamentos sobre a imprensa pedagógica na história da educação. Em A. M. B. de Magaldi e L. N. Xavier, *Impressos e História da Educação: usos e destinos* (pp. 15-29). Rio de Janeiro: 7Letras.
- Ferreira, M. de M. & Franco, R. (2013). *Aprendendo História- reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: FGV.
- Freire, P. (1993). Paulo Freire: "Nós podemos reinventar o mundo". *Revista Nova Escola*. Recuperado de <https://novaescola.org.br/conteudo/266/paulo-freire-nos-podemos-reinventar-o-mundo>.
- Gill, R. (2007). Análise do discurso. Em M. W. Bauer & G. Gaskell, *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som* (pp. 244-270). Petrópolis: Vozes.
- Giron, L. & Pozenato, K. (2004). *100 anos de imprensa regional (1897-1997)*. Caxias do Sul: EDUCS.
- Martins, A. L. e De Luca, T. R. (2013). *História e Imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto.
- Munakata, K. (2013). Da didática da História à história da História ensinada. *Revista História Hoje*, 3, 251-267.
- Padrós, E. S. (2004). Os desafios na produção do conhecimento histórico sob a perspectiva do Tempo Presente. *Revista Anos 90*, 19/20, 199-223.
- Sousa Santos, B. (1999). Porque é tão difícil construir uma teoria crítica? *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 54, 197-215. Recuperado de http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/ Porque_e_tao_dificil_construir_teorica_critica_RCCS54.PDF.
- Universidade de Caxias do Sul. Portal dos Cursos – História (2019). Caxias do Sul. Recuperado em 23 de fevereiro de 2019, de www.ucs.br.
- Xerri, E. G. (2018). Presença feminina na criação e fundação da Universidade de Caxias do Sul nas décadas de 1950-1960. *XIV Encontro Estadual de História- ANPUH-RS*, 1, 1-13. Recuperado de http://www.eeh2018.anpuhrs.org.br/resources/anais/8/1531095079_ARQUIVO_PresencafemininanacriacaoefundacaodaUniversidadedeCaxiasdoSulnasdecadasde1950.pdf.